

BAR ROCO

REVISTA DIGITAL



Revista de ensaio e pesquisa

2

2022

©2022 *Revista Barroco Digital*

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Barroco ou do articulista.

Diretora: CRISTINA ÁVILA

Secretária: JOSANNE GUERRA SIMÕES

Programação gráfica: SÉRGIO LUZ

Jornalista responsável: CARLOS ÁVILA

Bibliotecária: LÚCIA DE OLIVEIRA

Revisão de textos: CLÁUDIO NUNES DE MORAIS *et alli*

Este número reúne textos de colaborações especiais, abordando temas específicos do estilo barroco, como também de inovação e/ou atualização no campo da pesquisa. Conta, ainda, com uma homenagem à Profa. Beatriz Coelho de Vasconcelos, entrevistada pelo Prof. Dr. José Antônio Orlando. Em respeito aos autores, foram mantidas, sempre que possível, ortografia, pontuação, nomenclatura e peculiaridades de estilo respectivas.

Os conceitos emitidos em artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores, estando as normas técnicas de acordo com as referências de seus países.

Conselho Editorial

Amilcar Martins Filho
Carolina Tomasi
Carlos Alberto de Almeida Dias
Cristina Ávila
Guilherme Paoliello
Josoel Kovalski
Marcos Hill
Rodrigo Duarte

Revista Barroco digital [recurso eletrônico] / CS Cultural Design Ltda. -
Ano 2, n.2 (nov. 2022) - . - Belo Horizonte : CS Cultural, 2022.
1 Recurso on-line

Anual

Barroco digital.
Revista Barroco digital: revista de ensaio e pesquisa.

Modo de acesso: <https://www.revistabarroco.com.br>

ISSN 2764-1201

1. História da arte - Periódicos. 2. Patrimônio artístico - Periódicos.

I. Título

CDD 709

Contato

CS Cultural

Rua Cordilheiras, 85 - CEP 30882-040 - Belo Horizonte/MG - Brasil

contato@revistabarroco.com.br

www.revistabarroco.com.br

SUMÁRIO

EDITORIAL	6
<i>Cristina Ávila</i>	
O AMADOR E A COISA AMADA	13
<i>Affonso Ávila</i>	
A SACRISTIA COMO PINACOTECA DA ÉPOCA BARROCA: O CICLO PICTURAL DE BENTO COELHO NO CONVENTO DE S. PEDRO DE ALCÂNTARA, LISBOA	16
<i>Luís de Moura Sobral</i>	
A IGREJA DE GESÙ EM ROMA: A INFLUÊNCIA ESPANHOLA MEDIEVAL ALIADA AO CLASSICISMO REFINADO DO CINQUECENTO ITALIANO	35
<i>Sônia Gomes Pereira</i>	
CAPELAS E MATRIZES DO GOIÁS COLONIAL: DIÁLOGO ARQUITETÔNICO COM A METRÓPOLE E AS CAPITANIAS VIZINHAS	68
<i>Deusa Maria R. Boaventura</i>	
DEVOÇÃO A SANT'ANA - IMAGEM E IMAGINAÇÃO	95
<i>Cristina Ávila</i>	
OFÍCIOS MECÂNICOS E SOCIABILIDADES: UM NOVO OLHAR SOBRE A CAPELA DO SENHOR BOM JESUS DO MATOZINHOS DO SERRO/MG, 1773 A 1821	116
<i>Danilo Arnaldo Briskievicz</i>	
CAMINHAR PELA CIDADE: EXPERIÊNCIAS DOCENTES EM PATRIMÔNIO E EDUCAÇÃO	135
<i>Christianni Cardoso Morais</i>	
<i>Marcos Vinícius Teles Guimarães</i>	

RESTAURAR E CONSERVAR: UMA TRAJETÓRIA DE REFLEXÃO E PRÁTICA	153
ENTREVISTA COM BEATRIZ RAMOS DE VASCONCELOS COELHO	
<i>José Antônio Orlando</i>	
NÓS-BARROCOS	163
<i>Lucas Araújo de Almeida</i>	
DE COMO AMAR AS FLORES DO CERRADO	175
<i>Cristina Ávila</i>	
<i>Mônica Sartori</i>	
ETHOS-PATHOS-STIMMUNG: PARA ALÉM DO FORMALISMO RETÓRICO	185
<i>Edilson de Lima</i>	
MACUNAÍMA, MEMÓRIA E MODERNISMO	195
<i>Myriam Ávila</i>	
ARANHAS E SUAS TEIAS: ALGUNS (DES)FIOS SOBRE ANA HATHERLY E SALETTE TAVARES	204
<i>Alice da Palma</i>	
O NOME DESSA EMOÇÃO. A POESIA DE CLAUDIA EMERSON E A METONÍMIA	212
<i>Olga Kempinska</i>	
PROPRIEDADES ESTRUTURAIS DA AGUDEZA DOS SEISCENTOS E DO FINAL DO SÉCULO XX NA POESIA DE AFFONSO ÁVILA	223
<i>Carolina Tomasi</i>	
CADERNO DE POESIA RESISTÊNCIA: 10 ANOS SEM O POETA AFFONSO ÁVILA	240
<i>Pedro Ávila</i>	
AS BARROCOLAGENS DE AFFONSO ÁVILA	288
<i>Josoel Kovalski</i>	
BARROCOLAGENS	305
<i>Affonso Ávila</i>	

RESENHAS

PATRIMÔNIO CULTURAL E REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA:
OS MEIOS DIGITAIS PARA AMPLIAÇÃO DAS PRÁTICAS CULTURAIS 327

Gianno Nepomuceno

MILAGRE NO SERTÃO DE MINAS: A PRODIGIOSA LAGOA 332

Amilcar Martins Filho

REGISTRO

MÚSICA E REMINISCÊNCIA: NOTAS PARA UM CONCERTO EM HOMENAGEM A RUFO HERRERA 336

Francisco Cesar Leandro Araújo

Guilherme Paoliello

SACRO : EM COMPASSO EXTÁTICO, CONECTANDO O CORPO À TERRA E AO CÉU 347

Wagner Corrêa de Araújo

O LEVANTE DE BELA CRUZ 350

Elza Cataldo

EDITORIAL

A viagem ensaística e poética de Affonso Ávila

“Affonso Ávila é um mestre. Em Minas, é o cara que consegue fundir a tradição, a cabeça no ano 2 mil. Barroco-ficção científica. Ele mistura futurismo com necrofilia, numa forma única. Ele é dessa geração fantástica que o Brasil produziu neste século.”

Paulo Leminsky

Em meu livro, *Patrimônio cultural e imaterial*, da coleção Imagens de Minas, elaborado em colaboração com Miguel de Ávila Duarte, após estudarmos as mais diversas fontes, desde a colônia, com textos portugueses sobre patrimônio, chegamos a um conceito simples e propositalmente didático: “patrimônio cultural é o conjunto dos bens materiais e imateriais, que, pelo seu valor próprio, deve ser considerado de interesse relevante à permanência e à identidade da cultura de um povo (...)”.

Do patrimônio cultural fazem parte bens imóveis, tais como castelos, igrejas, casas, praças, conjuntos urbanos, e ainda locais dotados de expressivo valor para a história: a arqueologia, a paleontologia, a antropologia e as ciências em geral. Nos bens móveis incluem-se, por exemplo, pinturas, esculturas, mobiliário, documentos, livros, artesanatos etc. Nos bens chamados imateriais ou intangíveis, consideram-se a literatura, escrita e oral, a música, os ditos populares, a linguagem, os costumes, a culinária, entre outros.

Dentro do espectro da cultura patrimonial, estão ainda os bens afetivos, sejam eles memórias, escritas ou orais, sons, cheiros, alfaia familiar ou pessoal, fotografias de família, objetos e qualquer bem que se concentre no âmbito da imaginação, da criação e da valorização do humanismo.

A própria história de um objeto, bem comum ou particular, perdida na sua materialidade, é invocada como identificação humana por suas manifestações de vestígios, saberes, guardados pessoais, que cultivam o valor da memória. Um dos critérios para se avaliar o patrimônio afetivo é, justamente, a atenção do pesquisador às formas de expressão que não encontram amparo na sociedade, nem nas instituições e no mercado. É permitido a todos o cultivo da memória sensorial, ou não.

Mas nem todos reconhecem os seus próprios bens afetivos, tampouco os consideram como perda ou falta. Os fragmentos dessa perda são ressignificações simbólicas individuais ou mesmo coletivas. Isso se dá desde o esquecimento e abandono de povos por desconhecimento de seus usos, modos de ser e aparelhamento culturais. O intencional abandono das memórias cotidianas compartilhadas no âmbito do comum ou do extraordinário depende muito de sua valorização a partir de políticas públicas. É como ouvirmos: “um povo sem memória é um povo sem futuro, ou sem origem”. Origem e futuro, dois pontos simbólicos de um agora em suspensão.

Testemunhar como foi, para mim, quarta filha do poeta Affonso Ávila, o convívio com ele e seu acervo perpassa pelo conceito de memórias intangíveis e fragmentos de lembranças totalmente pessoais. E pode diferir-se do que os outros membros da família possam guardar como outras memórias também intangíveis.

Por isso quero frisar que os fragmentos de lembranças do bom tempo passado, desde criança até a maturidade, na Rua Cristina, 1.300, em Belo Horizonte, não têm sentido como valor positivista de documento. Mas posso dizer, com certeza, que a presença de meu pai em seu escritório e minhas experiências de vida ao lado das coisas de afeto dele fazem parte da minha vocação como historiadora da arte, da cultura e dos valores de preservação patrimonial em todos os seus aspectos.

Um dos principais e mais antigos formadores da vida psíquica de todos nós se ampara nos sentidos, no sensorial – a visão, o tato, a audição e o olfato. Este último o mais poderoso a nos remeter a situações cotidianas afetivas. Quem não se lembra de um cheiro de um bolo caseiro no forno? É o nariz nosso amistoso companheiro sensorial responsável universal pelas informações de prazer obtidas dos mais remotos tempos para o sistema nervoso central.

Já descer as escadas até o porão da casa e me ver frente a duas portas trancadas a chave, e o interruptor de luz era um marco de conquista, ali era o esconderijo do meu pai guardador, com suas coleções e objetos de afeto. Do cômodo maior é que vinha o som da máquina de escrever Remington, sinal de que tudo ia bem, e fazer parte desse mundo era uma das minhas aventuras mais agradáveis. Não foram poucas as vezes que o interrompi para receber de suas mãos papel e lápis para desenhar e escrever as primeiras letras seriamente, como se fora eu coautora daquele ambiente espetacular. Um dia ele me disse: “tudo isso, minha filha amada, também é seu”. E tomei talvez inconscientemente aquele escritório e todo seu acervo como responsabilidade minha.

Eu ajudava a carregar livros, jornais, correspondência, organizando todo o material em pilhas de assuntos diversos que depois meu pai naturalmente faria a sua escolha, ora descartando, ora recortando jornais, sábio que era do sabor indefinível de ser mantenedor da memória. Fui a formiguinha incansável nos dias de folga, ouvindo seus discos de 48 rotações, de onde saíam desde poemas de Drummond a sambas canções. Ou mesmo futebol narrado com graça na rádio Inconfidência. Nunca me esquecerei da alegria de acordar com o verso: “Porque hoje é sábado”,

na voz do amigo Vinicius de Moraes. Ouvíamos também João Cabral de Mello Neto, “Morte e Vida Severina”, e “Essa nega fulô”, de Jorge de Lima.

Das memórias da coleção pessoal me identifiquei também com os diversos acervos de história e do patrimônio cultural mineiro. Foram muitos passeios e trabalhos auxiliares que fizemos por Minas Gerais, incluindo a nossa ancestral Itaverava, que me despertou para o que venho fazendo ao tentar recuperar as memórias afetivas quilombolas de Itaverava, ligada à história de vida de meus bisavós maternos, especialmente o avô pardo de meu pai, o músico e abolicionista Antônio Roberto Ferreira Barros, que libertou seus irmãos escravizados e lhes concedeu terras para moradia, cultivo e subsistência e se propôs a se aventurar pela causa abolicionista e ‘a música de influência negra lundu’, ainda no ano de 1851, fato documentado e presente no acervo do museu de música de Mariana, doadas que foram suas partituras pela família.

Na revista *Barroco*, logo ainda adolescente, tornei-me a revisora auxiliar de papai. Ora lia os textos datilografados, trocávamos, ora ele lia os textos de artigos inéditos nas provas de gráfica, trocávamos também. Eram tantos erros que, entre risos, aprendi com o amigo e bibliófilo Hélio Gravatá a frase que se tornou imortal através de Monteiro Lobato: “os erros saltam como sacis”.

No final de tanta leitura e releitura, papai passava os impressos da revista para a sua companheira de vida, Laís Corrêa de Araújo, que era responsável por passar o pente-fino, retirando as lêndas e os piolhos que sobravam de nossa leitura.

Meu pai me fez historiadora da arte e da cultura, escritora e ensaísta, no dia a dia, independente do curso de História da UFMG, onde os professores acreditavam ser ele o redator de meus trabalhos.

Affonso Ávila, que considerava o trabalho a melhor medicação para tempos difíceis, me arranhou, desde bem jovem, ainda estudante, grávida e desempregada, uma função: a de fazer fichamentos para a composição de seu livro *Iniciação ao barroco mineiro*. Tornei-me colaboradora desse livro que, hoje esgotado, ainda desperta o interesse daqueles que se iniciam no estudo do barroco. Mais ainda, fui responsável por redigir a biografia de artistas barrocos mineiros.

Com o nascimento de meu primeiro filho, André, pouco mudou, pois fui estagiária do APM, via concurso público, da Fundação João Pinheiro e do Museu Mineiro, que foi inaugurado na direção impecável de minha querida professora Myriam Ribeiro de Oliveira. Foi ela a minha mestra no estudo formal da arte e da iconografia religiosa, começando pelos santos que compõem a coleção Geraldo Parreiras.

Muitas foram as frustrações de Affonso Ávila e suas vitórias que assisti desde criança. Por ele e para ele, fiquei a Bíblia em temas devocionais que interessavam tanto a ele como a mim. Herdei de papel passado a revista *Barroco*, da qual fui responsável pelos dois últimos números publicados

em papel, sendo o número 20 editado em homenagem ao poeta *in memoriam*. Na véspera de sua morte, entregou-me dois textos para a edição de número 20, um deles pronunciado como aula magna na Faculdade de Letras da UFMG e outro que havia sido enviado para a BARROCO pelo poeta Haroldo de Campos.

Tive também, entre minhas experiências juvenis, a grata participação voluntária no projeto de tombamento da Unesco das cidades de Ouro Preto e Mariana. Participei, junto ao meu saudoso colega e amigo professor José Arnaldo Coelho de Aguiar Lima, do inventário e notas sobre o pequeno distrito de Bento Rodrigues, em Mariana. Após o derramamento irresponsável de lama tóxica sobre o pequeno distrito, que atingiu sua população, seus bens, materiais e imateriais, e as consequências nefastas que fez o antigo trajeto da Bacia do Rio Doce até o oceano, destruindo referências afetivas, pessoais, históricas, artísticas, fauna e flora, povos ribeirinhos etc.

Ao contrário do que se pensa nunca foi intenção do poeta, jornalista e ensaísta Affonso Ávila se inserir na cultura brasileira como historiador ou fundador de uma nova concepção teórica sobre o Barroco no Brasil. Mas foi, como ele mesmo disse, em depoimento publicado a seu pedido na póstuma Barroco 20, “uma feliz coincidência e uma motivação telúrica” que já se adivinhava em sua poesia “combativa e de denúncia política das raízes oligárquicas mineiras, especialmente os poemas confeccionados em plena ditadura militar”.

Nesse momento trágico do país, Ávila encara um projeto que revolucionaria as ideias sobre a análise do Barroco, o estudo de 2 documentos literários: *Áureo Trono Episcopal e Triunfo Eucarístico*, que viriam a constituir o livro *Resíduos Seiscentistas em Minas*, premiado duas vezes nacionalmente e publicado através do Centro de Estudos Históricos da UFMG.

A partir daí a relação de Affonso Ávila com o patrimônio cultural dá uma guinada certa em prol da militância profissional e decisiva na definição da política de preservação do patrimônio cultural mineiro. No ano de 1968, ao lado de nomes como: Vinicius de Moraes, Murilo Rubião, Domitila do Amaral e Eloy Heraldo Lima, foi um dos responsáveis pela criação da Fundação de Arte de Ouro Preto (FAOP). Posteriormente o poeta coordenaria a equipe de criação do IEPHA/MG.

A Barroco (1969) nasce com a intenção de cumprir o valor de uma ciência empírica de experimentação, ainda que com o necessário respeito histórico às fontes impressas e arquivistas. Buscava-se uma criatividade que abarcasse o fenômeno arte colonial brasileira às suas diversas intertextualidades e ao fundamento das ciências humanas comparadas, ainda uma novidade na época. Ao mesmo tempo, o organizador do periódico aliado ao pensamento de vanguarda, especialmente o debate entre a revista *Tendência* e os concretistas, foge da linearidade evolucionista,

ou de uma historicidade apoiada na evolução estanque de gêneros e escolas estilísticas, que nega a possibilidade de apropriações, contaminações e sujidades próprias das transplantações culturais. Afasta-se do conceito de barroco maior e barroco menor relevando toda a produção do período.

Cabe aqui uma bela citação de Benedito Nunes, que, além de filósofo sensacional, faz uma leitura das mais dignas de quem foi Affonso Ávila e sua obra, iniciando pelas suas origens ancestrais em Itaverava, Minas Gerais, onde ainda criança publicaria o que chamou de suas garatujas poéticas, por iniciativa de sua tia Augusta, a quem homenageou com o poema “Cantiga de Santa Augusta” no livro *o Falso Alphonsus el Sábio*.

“Deus não joga dados, dizia Einstein. O poeta, sim, ele os joga; mas os seus dados são a matéria e forma de linguagem. Ambos lhe abrem o caminho a uma preliminar experiência das coisas. Pela matéria sonora e gráfica, pela forma enunciativa ou expressional, antes de tudo pelo ritmo da frase. (...) O poeta pode fazê-la seguindo os modos e modas do momento presente e do passado ou se opondo à dominância de um estilo, à inércia histórica da tradição. (...) E que outro melhor meio de mostrar do que fazer ver, colocar o que se mostra verbalmente como uma coisa no espaço à frente de quem lê, intuída pelo poeta e perceptível para o leitor? (...) Cada poema escrito nesse espírito renova o voto de franciscana pobreza que o sujeita, e os versos de Affonso Ávila, assim elaborados, põem em prática toda uma ascese mediante a qual foi possível escrevê-los. O que se quer que sob tal ascese ele diga é quase sempre um dizer de menos. (...) No entanto, mineiro de poucas palavras no verso e na vida, nascido em Belo Horizonte e, como eu, em torno do fim da década de 1920, sempre voltado para suas ancestrais raízes em Itaverava, nunca desatento à trama iluminista dos inconfidentes de Vila Rica com o Barroco das igrejas e cidades setecentistas do ciclo do ouro.”

Falar de sua poesia é pois falar de sua permanente interação de vidas, especialmente a de ensaísta do Barroco e a sua poesia, que se estabelecem no “retraimento à expressão lírica em proveito a narrativa com o epos tradicional popularesco”, nas expressões ainda de Benedito Nunes. Nascendo daí poemas como “O Boi e o presidente”, “As Viúvas de Caragoatá”, “O Concílio dos plantadores do Café” e, sobretudo “os negros de itaverava”, que me interessa particularmente pelos estudos que venho fazendo ao lado do professor e ativista negro Paulo Esteban (quilombola do Bengo).

Terras férteis, por onde passa o Rio Piranga, afluente do mutilado Rio Novo, após a derrama assassina das barragem em Bento Rodrigues, alvo cobiçado pelos pecuaristas da região, que roubam água e terra dos quilombolas, sem que este fato seja notado e denunciado por nenhum órgão de proteção governamental, atingindo a Usura, crime impune. Tema ao qual o poeta se refere, em quase toda a sua produção poética, mesmo no período anterior e pós-ditatorial. A exemplo de: *Carta do Solo* (1957- 1960), *Carta sobre a Usura* (1961-1962), *Código de Minas*, (1963-1967), *Código*

Nacional de Trânsito (1971-1972), *Cantaria Barroca* (1973-1975), *Barrocolagens* (1968-1975) e o *Discurso da Difamação do Poeta* (1973-1976), além de intercessões críticas em outras obras, até mesmo nos poemas eróticos (muitos considerados pelo leitor menos atento como machistas, já que a ironia não é sempre percebida).

Muitas críticas foram traçadas sobre a teoria do Barroco (mineiro, brasileiro e latino) de Ávila, especialmente aquelas que pretendiam desmitificar o mito, como se Ávila não compreendesse o mito como lugar da ficção do preenchimento do vazio, num país carente de memória e memorização. No ano de 1971, Ávila nos brinda com um estudo ainda mais pertinente e inventivo – *O lúdico e as Projeções do Mundo Barroco*, ressaltando o elemento lúdico nas formas de expressão do Barroco. Neste livro ele propõe três linhas de explicação do fenômeno – a ênfase do Visual, o lúdico e o persuasório (não deixando de lado a influência ideológica da Igreja da Contrarreforma e do Absolutismo.)

Ávila incrementa ainda o estudo das transplantações culturais. Entende o fenômeno como globalizante, uma sistematização de gosto e de estilo de vida, não apenas um estilo artístico formal incluindo além da arquitetura, pintura e escultura, o teatro, a literatura, a festa, manifestações populares até um senso de carnavalização da poética brasileira, que viria a ser confirmado pelos tropicalistas. Não persegue a origem, mas a originalidade dos modos de ser no mundo colonizado da América Latina.

Podemos acrescentar ainda estudos menores como os do livro *O Poeta e a Consciência Crítica*, *a Circularidade da Ilusão* e outros.

Cabe destacar que toda a obra de Ávila incluindo vários números da *Barroco* encontram-se esgotados e mesmo assim, com todas as dificuldades que o setor de cultura se deparou nesses últimos anos temos número significativo de pesquisas e autores de acadêmicos a poetas e artistas que se interessam pela labuta da cultura intelectual, que, de diversas formas, acenam ao pensamento intertextual e intertemático que discutem de forma aberta com a formação da mentalidades e a transhistoricidade em Minas, no Brasil e no mundo. São a consciência artística, poética e histórica brasileira, como fizeram os primeiros historiadores brasileiros, o romantismo e os modernistas aqui em belo texto de crítica de literatura, *Macunaíma, Memória e Modernismo*, por Myriam Ávila, professora titular de Teoria da Literatura e Literatura Comparada no Programa de pós-graduação em Estudos Literários da UFMG, como a partir de uma consideração de vanguarda que entrelaça tempos, citações, ironia e a arquitetura do poema em sua vitalidade visual, aqui representada por diversos autores destacando-se a análise das *Barrocolagens* do prof. Dr. Paranaense Josuel Kovalsky, de textos fundamentais sobre arquitetura da profa. Sônia Gomes Pereira, profa hemérita da UFRJ, arte portuguesa, um dos mais antigos colaboradores da *BARROCO*, o recém-falecido prof. Dr. Luis de Moura Sobral, catedrático titular de cultura portuguesa de Montreal.

A análise do poema Cantaria Barroca da Profa. e linguista da USP Carolina Tomasi, Capelas e Matrizes do Goiás Colonial: Diálogo Arquitetônico com a MetrÓpole e as Capitánias Vizinhas, da Profa. Deusa Maria R. Boaventura, da PUC de Goiás, entre diversos outros textos que abordam a poesia resistência, o neo-barroco, estudos de música, artes cênicas, experiências patrimoniais, iconografia religiosa e vários outros estudos significativos para o pensamento do Barroco como tradição e vanguarda. Destacamos ainda a bela exposição De como Amar as Flores do Cerrado, da artista Mônica Sartori, e o depoimento sobre estudos de restauração da Profa. e fundadora do Cecor/UFMG, registros de eventos e resenhas de livros. Abarcando temas atrativos, conceituais, teóricos e artísticos, como quis o fundador da Revista BARROCO, Affonso *Ávila*, infelizmente há 10 anos encantado mas, com certeza sorridente e feliz com a continuidade de sua Revista, graças à perseverança e resiliência de seus companheiros intelectuais, ciente que era da difícil tarefa de tirar leite de pedra, em tempos tão descrentes da importância da cultura, delegada que foi a um desejado desaparecimento pela ignorância reacionária que quis dominar nosso país. Para seu deleite “eis-nos aí”, sem um tostão de apoio de autoridades e instituições, nos fazendo presentes.

Dedicamos este número a recentemente falecida professora Emérita de literatura Comparada da UFMG, profa. e ensaísta Eneida Maria de Souza, que fez parte de nossa primeira Comissão Editorial, sugerindo textos, artigos e temas, com sua cultura ímpar e interdisciplinar, sua leitura preciosa e seleção de artigos e sua inigualável generosidade.

Finalmente gostaria de agradecer a todos os autores e colaboradores da BARROCO DIGITAL n.2, a comissão editorial do periódico, a revisão, ao projeto gráfico, a secretaria e bibliotecária, que graciosamente nos cederam seu tempo e conhecimento.

Muito obrigada!

CRISTINA ÁVILA
Diretora da Revista Barroco Digital